

# Falar em público

*Luci Hildenbrand (FaEL-NUTE/PROEG/UNIG)*

*Sergio Eduardo M. Pereira (FaEL /UNIG)*

Falar em público. Atividade que parece não causar qualquer *frisson*, sobretudo quando o falante é outrem ou alguém que possui grande habilidade de comunicação oral. O que é fácil para uns não é fácil necessariamente para todos – os universitários que o digam, chegada a hora de o professor anunciar quem vai falar, o que vai falar e quando vai falar.

O incômodo afeta muita gente e, ao que parece, é maximizado à medida que se aproxima a hora de expor publicamente o tema estudado.

*Não adianta!* – é fala corrente – *sempre fico assim, muito ansioso. E o que é pior: na hora esqueço tudo!*

Outros, diferentemente, comentam: *A questão não é se eu sei ou não sei o conteúdo; o problema é que eu preciso ler as fichas com as anotações senão me dá um branco.*

Os mais tímidos, nessas ocasiões, também entram em alvoroço: *Mas logo eu fui escolhido pra falar sobre esse assunto chato?*

- *Que chato, que nada!* Contesta um amigo próximo e acrescenta: *Isso é moleza: você chega lá na frente, conta tudo o que estudou e leva pra casa mais um “deizão”!*

- *Parece que é fácil! Se acha que é moleza mesmo* – responde o colega – *porque você não vai lá na frente da turma e faz a apresentação?*

A discussão é acalorada entre bom número de acadêmicos mostrando-se, contudo, mais inquietantes em algumas áreas da formação superior do que em outras. Claro é que características pessoais interferem no grau de facilidade/dificuldade com que os graduandos se põem diante da tarefa.

Hoje sabemos que as comunicações orais em sala de aula – destinadas à apresentação de assuntos da especialidade em que irão atuar – contemplam conteúdos curriculares e, via de regra, têm por público-alvo o docente e a própria turma. Proximamente, o graduando estará em eventos técnico-científicos não mais na passiva condição de ouvinte ou participante, mas assumindo posição diversa: a de expositor de trabalhos gerados nos limites das IES (Instituições de Ensino Superior) e supervisionados por seus próprios professores.

Vencido o tempo da graduação, o acadêmico será absorvido pelo mercado de trabalho que o desafiará a responder as mais distintas solicitações. Talvez numa dessas oportunidades, falar em público seja a condição menos desgastante e desafiadora para o jovem profissional. Suponhamos que agora ele participe de uma convenção no exterior,

cujo idioma não seja o de seu país de origem e onde deva fazer uma apresentação para sua chefia imediata e para altos executivos da empresa presentes. O que fazer? Não fazer?! Impossível! É preciso encarar...

Claro que o ideal é o acadêmico possuir um preparo anterior que o qualifique para as situações futuras, inusitadas. Se a experiência anterior é, então, capaz de fornecer um *background* para distintas situações de vida, por que não converter o espaço da sala de aula em espaço próprio para estas aprendizagens?

É provável que o estudante não admita que aquele locutor seguro (seu professor, um conferencista, uma autoridade renomada etc), que aborda determinado assunto com fluência, precisão, coerência e desenvoltura, possa ter sido, em algum tempo, um falante também inseguro.

Uma pessoa pode tornar-se incomodada com o ato de falar em público até o dia em que ela assumir que, na sua vida, falar em público é uma situação regular, corriqueira e cotidiana.

As particularidades das formações acadêmicas favorecem o desenvolvimento diferenciado das habilidades comunicativas: alguns falam para poucos, num processo face-a-face; outros falam para muitos, simultaneamente, não podendo olhar para os tantos espectadores ao nível dos olhos. Assim, via de regra, aos poucos, cada um passa a se acostumar mormente com o tipo de prática comunicativa que mais desenvolve na cotidianidade, embora deva ter claro que é necessário ter domínio sobre todas as demais. Para tanto, nada mais oportuno do que converter o espaço da sala de aula no espaço mais adequado para dar vez ao desenvolvimento e à consolidação da habilidade de falar em público. Todos nós precisamos dela, por conseguinte, é necessário investir.

Algumas palavras podem ajudar os graduandos mais apreensivos quando da sua participação em ocasiões que envolvam esse tipo de intervenção comunicativa:

- estude, com técnica, o conteúdo a ser apresentado; conheça várias fontes de informação para indicá-las se necessário;
- considere que o tema de sua apresentação deva ser abordado de forma clara, lógica, seqüencial e coerente. Planeje isto com antecedência e atenção, reparando as falhas identificadas a tempo;
- ensaie sua exposição para checar se ela atende aos quesitos anteriores (se é clara, lógica, seqüencial e coerente), aos objetivos pretendidos pela disciplina, aos conhecimentos de seus colegas de turma e ao tempo destinado pelo professor;
- defina os meios de comunicação com os quais irá trabalhar; prepare os materiais didáticos, se for o caso, ou faça a testagem dos mesmos, considerando a possibilidade de que tais materiais já estejam prontos;
- defina as ações que devam ser realizadas por seus colegas (leitura de texto, produção de resumo, feitura de exercícios, resposta para instrumento de avaliação) e elabore o material procedente;

- atente para o fato de que todo o material distribuído em sala, que seja de sua própria autoria deva ter revisão de conteúdo e de língua portuguesa (feita pelo docente reponsável pela disciplina).

Estando tudo preparado para uma boa apresentação, não há o que temer ao falar em público. Aos poucos, descobrirá que as inseguranças ficaram para trás e que agora, plenamente envolvido com o mundo das comunicações presenciais, basta ter estado de ânimo elevado para bem receber as surpresas e curtir as satisfações. Boas falas!